

# LUÍS EDGAR DE ANDRADE

**Entrevistadores:** Carla Siqueira e Caio Barretto Briso

**Data da Entrevista:** 28/08/2008

## **Qual a sua data e local de nascimento?**

Eu nasci em Fortaleza, no Ceará, no século passado, evidentemente, - todos nós hoje somos do século passado, inclusive vocês também nasceram no século passado – eu nasci na primeira metade do século XX, eu nasci em 1931.

## **Quais eram os nomes e as atividades dos seus pais?**

O meu pai contribuiu muito para a minha profissão, para o fato de eu ser jornalista, por causa da profissão dele. Ele também foi jornalista e se chamava Manoel Antonio de Andrade Furtado. E minha mãe se chamava Maria Delara – Delara, uma palavra só – Bezerra de Andrade Furtado. Meu pai inicia várias atividades: era professor de Direito Administrativo, ele dirigiu um banco em Fortaleza, um pequeno banco chamado Banco Popular, em Fortaleza, e ele fundou um jornal em Fortaleza chamado *O Nordeste*. *O Nordeste* era um jornal católico de Fortaleza, um diário vespertino, onde eu comecei a trabalhar como repórter. Agora, o meu avô Juca Furtado, José Furtado de Mendonça Bezerra de Menezes, era poeta e publicou um livrinho de versos chamado "Flores do Coração". Meu avô nunca trabalhou na vida [risos], já o meu pai trabalhou bastante. Agora, quando eu me casei, eu casei um pouco tarde, e quando nasceu a minha filha há 30 anos, eu comecei a me interessar pela minha genealogia. E como eu sou um pouco obsessivo, eu fiz uma exploração genealógica que me levou a Portugal e à Espanha e, alguns dos meus ancestrais, eu localizei no século XIII, em mil duzentos e tantos, fulano de tal, meu 14º ou 16º avô. Nessa genealogia que eu andei estudando, eu me orgulho de quatro ancestrais que foram condenados à morte, então, não é pouca coisa ter quatro ancestrais condenados à morte: um dos meus tataravôs, foi condenado à morte na revolução de 1824, no Ceará, na Confederação do Equador. E como ele já tinha 64 anos quando foi condenado à morte, a pena foi comutada em degredo para o Maranhão e ele morreu de morte natural ou suicídio a caminho do Maranhão. Um outro ancestral, irmão do meu trisavô, foi condenado à morte, em

Pernambuco, em 1817, o padre Miguelinho, frei Miguel, que foi enforcado. Um outros ancestral na revolução de 1660, no Rio de Janeiro, foi condenado à morte e executado aqui no Rio de Janeiro e chamava-se Jerônimo Barbalho Bezerra. Mas eu não estendi muito isso.

**Seu pai foi também jornalista. O que fez você se decidir pelo jornalismo?**

Na verdade, eu não cogitava ser jornalista. Quando eu fazia o segundo grau, naquele tempo, o segundo grau tinha o curso Científico e o curso Clássico. Eu optei pelo curso Científico, pois pretendia fazer vestibular de Medicina e já pretendia ser psiquiatra. Estive num cursinho particular estudando física, química e biologia, mas às vésperas do vestibular, eu tinha 17 anos, meu pai estava viajando e minha mãe também. Eu sozinho optei pelo Direito porque eu gostaria de estudar Medicina fora do Ceará e não houve condições de sair do Ceará para estudar Medicina. Então, um mês antes do vestibular, eu me inscrevi para Direito e também Filosofia. Fiz o curso de Direito e o curso de Filosofia, cheguei a ser professor de Filosofia no Colégio Estadual de Fortaleza e abri um escritório de advocacia, que bateu o recorde de não ter nenhum cliente. Agora, eu me tornei jornalista por acaso, é uma estória, foi uma efeméride de coincidências, pois a minha primeira matéria publicada na imprensa na verdade resultou de uma carta: estava havendo em Fortaleza um congresso de... Eu assisti, em Fortaleza, ao II Congresso de Poesia do Ceará. Aliás quando o Sarney era presidente, eu descobri que o Sarney tinha participado desse congresso. Eu fui procurar a minha matéria sobre o Congresso de Poesia e não citei o Sarney, já comecei sendo furado, pois o futuro presidente estava no Congresso de Poesia e não o citei. Na verdade, o que houve foi o seguinte: eu escrevi uma carta e eu achei muito engraçado – eu tinha 17 anos – a discussão que houve nesse congresso em torno da palavra “crítica” em que um poeta cearense propôs a criação da palavra “crítica” para definir e para denominar o fenômeno da passagem da poesia da cabeça do poeta para o papel. Aliás, na semana passada, o Ferreira Gullar fez um artigo exatamente sobre isso – sem usar a palavra “crítica” que ele não conhece e que não prosperou – e o artigo dele era sobre isso: o poeta tem um sentimento da poesia e resolve passar isso para o papel e muitas vezes não consegue. Eu escrevi uma carta para o jornal de que o meu pai era diretor gozando isso e o secretário do jornal fez o seguinte: cortou o “prezado senhor diretor” no início e cortou a minha assinatura, e publicou a minha carta como se fosse uma notícia sobre o Congresso de Poesia do Ceará. Depois houve o seguinte: quando eu entrei para a Faculdade de Direito, – aí já foi a minha primeira reportagem na devida forma, com características de reportagem – houve uma passeata, pois era tradicional em Fortaleza, os calouros da faculdade fazerem uma

passeata, era a passeata do trote. Então, nós os alunos do primeiro ano de Direito, saímos pelas ruas de Fortaleza vestidos de havaianas, mas havia na passeata uma alusão pejorativa ao governador que tinha tido tifo e escapou. Um jornalista de Fortaleza, o Luciano Carneiro, que foi um grande jornalista de Fortaleza e um dos primeiros jornalistas brasileiros a fazer simultaneamente, ao mesmo tempo, texto e fotografia, ele fotografava e escrevia a reportagem. Ele tirou uma fotografia do governador de pijama sentado numa cadeira ao lado de uma vaca, pois o governador atribuía a recuperação dele ao fato dele tomar o leite de uma vaca chamada Chiquita Bacana, o nome da vaca era Chiquita Bacana. Naquela época, havia uma marchinha de carnaval "Chiquita Bacana lá da Martinica..." E lá na passeata, os calouros cantavam "Chiquita Bacana lá da Pacatuba", Pacatuba era a terra do governador. Bastou isso para a polícia dissolver a passeata, então, a passeata andou dois ou três quarteirões e foi dissolvida. E os estudantes entraram com um mandado de segurança para realizar a passeata do trote e eu escrevi cinco reportagens – para você ver o exagero – intituladas "Na pista do mandado de segurança dos estudantes". Quando eu menos esperava, estava trabalhando nesse jornal chamado *O Nordeste*. Eu fiz a minha primeira reportagem mais séria e mais bem elaborada para uma série sobre as praças de Fortaleza, o abandono em que se encontravam as praças de Fortaleza. Por causa disso, eu me interessei pelo humanismo e andei lendo sobre humanismo e, no meio do curso de Direito, eu estava fazendo jornalismo.

### **E como você vem parar na revista *O Cruzeiro*, no Rio de Janeiro?**

Quando eu penso na forma como eu progredi no jornalismo, eu fico pensando como era fácil ser jornalista antigamente. Você sabe que primeiro houve o seguinte: no ano de 1951, o Carlos Lacerda foi a Fortaleza fazer uma reportagem sobre a seca que havia no Nordeste em 1951 e, no Ceará, ele visitou as obras do açude Pentecostes a uns 80 km de Fortaleza. E foram várias pessoas com a comitiva do Carlos Lacerda e eu fui também e fiquei observando alguns jornalistas que havia nesse grupo. Eles fizeram pequenas matérias sobre o governador Carlos Lacerda – ele ainda não era governador – sobre o jornalista Carlos Lacerda da *Tribuna da Imprensa* que visitou ontem as obras do açude Pentecostes. Mas eu fui à Pentecostes e ignorei o Carlos Lacerda, quer dizer, ao fazer a minha matéria e fiquei observando como ele procedia como repórter porque, na verdade, foi um grande repórter, um grande apurador e escrevia muito bem. Aconteceu que – isto deve ter sido num sábado – e, na segunda-feira, eu publiquei uma reportagem sobre o problema dos trabalhadores na construção do açude Pentecostes. Essa reportagem, eu recortei e mandei para o Carlos Lacerda, na *Tribuna da Imprensa*,

aqui no Rio. Quando ele voltou ao Rio, ele demorou a chegar porque passou pela Paraíba e foi ao interior da Bahia, ficou uma semana vendo a seca no Nordeste. E quando ele chegou aqui no Rio, ele recebeu e leu a minha reportagem e, quando ele publicou a reportagem dele, ele me citava: "um bravo jornalista cearense" ora o bravo jornalista cearense era um rapazinho de 18 anos que estava começando no jornalismo. Por causa disso, daqui a pouco, eu estava correspondente da *Tribuna da Imprensa* em Fortaleza e tinha uma franquía telegráfica na *Western Union*, que era o sistema de telégrafo mais rápido, onde eu mandava as notícias de fortaleza para a Tribuna. E a *Tribuna* começou a publicar matérias minhas feitas em Fortaleza. Eu cheguei ao Rio de Janeiro por etapas. Daí a pouco nas férias, eu vinha passar as férias aqui no Rio ou em São Paulo e, daí a pouco, estava estagiando na *Tribuna da Imprensa* na Rua do Lavradio. Agora, eu cheguei à revista *O Cruzeiro*, eu acho assim um prodígio porque, quando eu cheguei à revista *O Cruzeiro*, eu cheguei em 1956, ela era a principal revista do país na ocasião, tirava 600 mil exemplares. Eu hoje me admiro ter saído direto de Fortaleza para a revista *O Cruzeiro*, mas isso aí aconteceu por motivos extra-jornalísticos. Aconteceu que o diretor dos *Diários Associados* do Ceará, o João Calmon, daí a pouco era diretor dos *Diários Associados* no Brasil, aqui no Rio de Janeiro. Ele chefiava os *Diários Associados*, que era uma cadeia de jornais do Assis Chateaubriand. E o Calmon foi o meu pistolão, ele ofereceu o meu nome para o Leão Gondin de Oliveira, que era o diretor da revista *O Cruzeiro*, e eu cheguei aqui contratado para trabalhar n' *O Cruzeiro* porque era um bom repórter em Fortaleza. E nessa ocasião, eu já tinha saído de meu pai e já estava trabalhando, em Fortaleza, no jornal *Unitário* que era o matutino dos *Diários Associados*. E foi assim, e foi assim...

**Quando você entrou n' *O Cruzeiro*, com quem você trabalhou na revista?**

Olha, n' *O Cruzeiro*, na ocasião... Foi n' *O Cruzeiro* que eu fiz os meus melhores amigos: o Luis Carlos Barreto, o Armando Nogueira e o Luciano Carneiro. O Luciano Carneiro era cearense, o Luis Carlos Barreto também era cearense. Embora o Luciano Carneiro fosse cearense e havia estudado na Faculdade de Direito do Ceará na mesma época que eu e estudou até o segundo ano de direito – depois ele veio para o Rio também para trabalhar n' *O Cruzeiro* – nós só nos relacionamos aqui no Rio de Janeiro n' *O Cruzeiro*. Então, na revista *O Cruzeiro* houve uma disputa interna entre dois grupos: o grupo que fotografava com a máquina fotográfica *Rolley Flex* e que usava iluminação artificial para a fotografia e os que fotografavam com Laica e Nikon com luz natural. Esse grupo da fotografia com luz natural era liderado pelo Luiz Carlos Barreto e o outro grupo era o grupo do Jean Manzon, fotógrafo francês que trabalhava na revista *O Cruzeiro* com o David Nasser.

Constituíram uma dupla Jean Manzon - David Nasser porque *O Cruzeiro* tinham aquelas duplas: saíam dois repórteres e um fotógrafo e um repórter de texto. Na ocasião, o primeiro jornalista a fazer as duas coisas sozinho, era o Luciano Carneiro, ele fotografava e escrevia. O Luis Carlos Barreto, que a princípio era repórter de texto, também se tornou repórter fotográfico e, de fotógrafo, ele passou a diretor de cinema e, em seguida, produtor cinematográfico. Pois bem, na revista *O Cruzeiro* houve um conflito entre esses dois grupos: o grupo do Luis Carlos Barreto derrubou o chefe de redação da revista, que era o José Amádio, um jornalista gaúcho, mas não teve forças. O Luis Carlos Barreto, ao invés de assumir a direção da revista, colocou um diretor-tampão, digamos assim, o Wilson Aguiar. O Wilson Aguiar era um jornalista acreano como o Armando Nogueira e trabalhava na revista *O Cruzeiro*. E o que aconteceu? A gestão do Wilson Aguiar foi um fracasso, pois a tiragem e vendagem da revista – ele pegou com 600 mil exemplares – caiu muito. A revista estava caindo e, então, o José Amádio foi chamado de volta e o Armando Nogueira e eu, e outros, fomos demitidos da revista. O Armando Nogueira e eu fomos demitidos no mesmo dia. O Luis Carlos Barreto não foi porque era muito antigo, mas acabou saindo d'*O Cruzeiro* quando ele já era cineasta. Aliás, o Luis Carlos Barreto não foi demitido, ele abandonou a revista, deixou de freqüentar e não trabalhou.

**O que mais lhe marcou nas matérias que você fez n' *O Cruzeiro*?**

A matéria que me deu mais emoção foi uma matéria sobre uma revolta, uma revolução ou algo parecido com isso, que houve no Paraná, no sudoeste do Paraná. Uma revolta de camponeses, homens do campo, em Pato Branco, basicamente, e municípios vizinhos. Eu fui lá cobrir essa revolta que deve ter sido em 1957, creio eu. Eu fiz a cobertura... E depois teve matérias frívolas, fiz a cobertura do [concurso] Miss Universo em Long Beach na Califórnia, fomos eu e o Indalécio Wanderley, foi a ocasião em que a candidata brasileira era a Adalgisa Colombo, que tirou o segundo lugar. Agora, para você ver como a cobertura do Miss Universo era um negócio sério, pois um dos jornalistas brasileiros que estava lá cobrindo a esse concurso era o Mauro Salles que, mais tarde se tornaria o grande publicitário brasileiro. O Mauro Salles cobria o concurso de Miss Universo para o jornal *O Globo*. Foi em 1958, fez agora 50 anos, eu me dei conta que foi em 1958 porque, na seção *O Globo 50 anos* deu várias notícias sobre esse concurso lá.

**E qual era a pauta d' *O Cruzeiro*? Quais eram os temas que chamavam mais a atenção?**

Havia uma reunião de pauta às segundas-feiras e a revista saía no sábado. Havia uma reunião de pauta e os jornalistas saíam em campo, geralmente, viajavam e iam fazer as suas reportagens. Mas *O Cruzeiro* gerava basicamente matérias sobre celebridades, praia e mulher... é uma coisa realmente... e algum acontecimento jornalístico. Eu me lembro que o governo de Juscelino [Kubistchek], quando eu cheguei n' *O Cruzeiro*, já havia começado e, então, houve a revolta de Jacareacanga lá na Amazônia. Um major da Aeronáutica pegou um avião e fugiu como um ato de rebeldia para um pequeno aeroporto militar do Correio Aéreo Nacional numa cidade chamada Jacareacanga lá no Amazonas. Havia sempre uma reportagem sobre um grande fato do momento, cercado de matérias sobre mulher e sobre celebridades.

**Depois em 1958, você foi para o *Diário Carioca*, é isso?**

É. O que aconteceu foi isso: quando eu fui demitido da revista *O Cruzeiro*, em 1950 e... Eu fiquei em 1956, 1957 e grande parte do ano de 1958. E quando fui demitido da revista *O Cruzeiro*, eu fui chamado para chefiar, por indicação do Armando Nogueira que era editor de esportes do *Diário Carioca*, eu fui chamado para chefiar o *copydesk* do *Diário Carioca*. O *copydesk* era o guardião do manual de estilo do *Diário Carioca*. O *Diário Carioca* teve uma grande importância na evolução da imprensa do Rio de Janeiro porque foi o primeiro jornal a ter um *style book*, um manual de estilo com regras da redação. Esse manual foi feito pelo Pompeu de Souza depois de passar dois ou três anos em Nova Iorque depois da guerra, ele fez esse manual e o *Diário Carioca* era um jornal moderno que havia no Rio de Janeiro, pois foi o jornal que introduziu no Brasil o lide e o sub-lide e a regra da pirâmide invertida.

**E quem mais trabalhava no *copydesk* com você?**

O *copydesk* do *Diário Carioca*, quando eu me lembro, eu fico impressionado de ter chefiado gente tão importante: o Ferreira Gullar era um dos redatores; o Nelson Pereira dos Santos, o cineasta; e grandes escritores, o Assis Brazil, romancista; José Louzeiro; o Régis do Nascimento, hoje romancista conhecido. O *copydesk* do *Diário Carioca* era uma pequena Academia Brasileira de Letras e eu não entendo como é que eu chefiava gente tão boa. Eu trabalhava com o editor-chefe do jornal, que era o Evandro Carlos de Andrade. Num determinado momento, houve um problema político no jornal e o Evandro Carlos de Andrade caiu e eu fui convidado para ser o editor-chefe do jornal *Diário Carioca*. Por solidariedade ao Evandro, eu não aceitei, mas continuei no *Diário Carioca* pois era o meu ganha-pão e, na ocasião, assumiu a chefia do *Diário Carioca* dois jornalistas: o Carlos Castelo

Branco é um jornalista paraibano cujo nome agora me escapa. O jornalista paraibano tinha ficado famoso porque tinha feito – ele por sinal era um romancista – e tinha ficado conhecido na cobertura do Dr. Laureano. O Dr. Laureano era um médico, por sinal, paraibano também que morreu de câncer. Ele estava doente e, naquela ocasião, o câncer era fatal, pois quem tinha câncer morria. E nos últimos anos de vida, ele fez uma campanha de combate ao câncer e o Dr. Laureano foi de capital em capital fazer palestras sobre o combate ao câncer. E esse nosso jornalista seguiu o Dr. Laureano e, enquanto ele dava as suas entrevistas coletivas, o jornalista ia “para a cama” com a mulher do Dr. Laureano. E depois, no final dessa experiência, escreveu um romance intitulado “A dama breca”, o romance tem qualidades literárias, mas a estória é um pouco safada. [risos] Mas eu teria continuado no *Diário Carioca* por muito tempo, quando aconteceu que eu ganhei – quer dizer, concorri – a uma bolsa de estudos na França para estudar jornalismo no *Centre du Formation des Journalistes*, em Paris, na Rua do Louvre. E, então, eu fui para a França e fiz um acordo com o *Diário Carioca* de eles manterem o meu salário e eu mandaria matérias ou faria uma coluna – *Diário Carioca* era um jornal de colunas, havia muitas colunas no *Diário Carioca*. Então, eu mandaria uma coluna e, na verdade, durante três meses, eu mandei uma coluna de Paris chamada *Carta de Paris*, mas o *Diário Carioca* não mandou o dinheiro e nem deu satisfação e eu parei. E nessa ocasião, depois de uns quatro meses em Paris, os meus amigos aqui no Rio de Janeiro conseguiram que eu passasse a fazer isso no *Jornal do Brasil*. Então, eu entrei para o *Jornal do Brasil*, mas na França.

**Luis Edgar, antes de falarmos dessa sua experiência, queria te fazer uma pergunta ainda sobre o *Diário Carioca*. Você disse que o *copydesk* era o guardião do manual de estilo e que o *Diário Carioca* é o jornal que introduz o estilo de texto jornalístico. Houve alguma resistência a esse novo modelo de escrita jornalística?**

Se houve a resistência, foi anterior a minha chegada, porque o que acontecia lá era pacífico. O trabalho do *copydesk* era tranquilo, mas sistema antigamente era absolutamente diferente do sistema de hoje. O *Diário Carioca* tinha um corpo de repórteres muito bons e o repórter apurava o fato, chegava e entregava um texto que ia para o *copydesk* e o *copydesk* reescrevia. Todas as matérias eram reescritas, todas as notícias eram reescritas: as notícias locais, as notícias brasileiras vindas de agências, as notícias internacionais, tudo isso convergia para o *copydesk* que reescrevia com essa técnica: tinha o lide, o sub-lide, depois havia um título e seguia a estória com as coisas importantes antes das menos importantes. E isso era acompanhado pela diagramação do próprio jornal e a maioria das notícias eram

diagramadas em duas colunas: o lide e o semi-lide em duas colunas. E o corpo da matéria em uma coluna, entendeu? É possível que tenha havido uma certa resistência anterior à minha chegada, mas o repórteres aceitaram isso pacificamente. O que aconteceu é que os outros jornais demoraram a adotar o lide e o sub-lide. Primeiro, o *Diário Carioca*, depois foi a *Tribuna da Imprensa* fundada pelo Carlos Lacerda adotou esse sistema. O Carlos Lacerda escreveu o segundo manual de estilo da imprensa brasileira: o manual da *Tribuna da Imprensa*. Então, a *Tribuna da Imprensa* passou a adotar o lide e o sub-lide. E por volta de 1953, veio a *Última Hora* do Samuel Wainer também com jornalistas que tinha passado pelo *Diário Carioca* ou pela *Tribuna da Imprensa*, também com o lide. Enquanto isso, nas escolas de jornalismo brasileiras, esses princípios eram ensinados. Haviam duas escolas de jornalismo: a Escola Nacional de Jornalismo aqui na Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro, e a Escola Cásper Líbero, em São Paulo, da Gazeta, que era uma escola de jornalismo ligada ao jornal *A Gazeta*. Nessa escola de jornalismo de São Paulo, esses princípios eram ensinados. E eu tomei conhecimento do lide lá no Ceará, quando eu ainda trabalhava no Ceará, por causa do jornalzinho da Escola de Jornalismo Cásper Líbero chamado *A Imprensa*. Era um jornalzinho mensal que o diretor do jornal, pois o diretor do jornal Luis Ernesto Machado Cavallo, eu o tinha conhecido no Congresso da UNE [União Nacional dos Estudantes] em Salvador. Eu tinha ido lá a Salvador, pois o pessoal da faculdade mandava dois estudantes para o Congresso Nacional da UNE e para votar no presidente da UNE. E lá nesse congresso da Bahia, eu conheci o Luis Ernesto Machado Cavallo e o jornal publicado por ele publicava umas pílulas com teoria do jornalismo, onde eu ouvi falar no lide e adotei isso lá no Ceará.

**Sobre a sua experiência na França, quais eram os principais assuntos que você cobria como correspondente do *Jornal do Brasil*?**

A minha experiência jornalística mais prazerosa foi a de correspondente na França, porque lá eu era obrigado a fazer de tudo. Às vezes, também eu me arrependo quando eu penso na minha vida, pois eu passei grande parte da minha vida lendo jornais. Às vezes eu penso que eu passei muito tempo lendo jornal. O meu trabalho em Paris... Primeiro eu morei na cidade universitária, na *Cité Universitaire*, na Casa do Brasil. Depois fiquei num pequeno hotel no 15º Distrito de Paris. Eu morava num hotel muito vagabundo de uma estrela, um quarto em que eu morava tinha uma cama, um armário e uma pia, o banheiro era no corredor. O hotel não tinha elevador e tinha cinco andares, eu subia a escada e vivia pobremente em Paris porque o *Jornal do Brasil* pagava muito mal naquela época. O correspondente ganhava pouquíssimo, mas cobria tudo. Eu acordava de manhã e lia os todos os



jornais: lia *Le Figaro*, *Paris Jour*, *L'Aurore*, que eram jornais da manhã. Os jornais da manhã em Paris eram jornais de direita: *Le Figaro* e *L'Aurore*. O *Paris Jour* era um jornal de variedades tipo *O Dia*. Depois, a tarde, eu lia o *Le Monde*, o *Paris-Presse* e o *France-Soir*, que é o grande jornal popular francês, o jornal de maior tiragem na época era o *France-Soir*. Quer dizer, eu lia aquilo tudo e tinha já uma pauta preparada anteriormente sobre o que iria acontecer no dia, o fato do dia, o assunto do dia. Podia ser um fato político, podia ser um fato econômico ou um fato esportivo. Hoje eu me admiro, por ser muito pouco ligado ao esporte, de como eu cobri, por exemplo, o boxe: eu fiz uma página inteira no *Jornal do Brasil* sobre o lutador francês de origem argelina com o lutador brasileiro peso pena, eu cobri a corrida de Fórmula 1 em Le Mans, em que havia um piloto brasileiro chamado Fritz d'Orey, a Corrida de 24 Horas de Le Mans. Mas fazia tudo, fazia entrevista com personalidades brasileiras que chegavam a Paris. Eu me lembro que deu muito trabalho o Janio Quadros eleito presidente da República e eu consegui saber em que hotel. O Janio Quadros era muito misterioso, mas eu consegui saber o hotel em que ele estava e fiz plantão na porta do hotel, mas não consegui falar com Janio Quadros. E vai por aí. Eu acho interessante a técnica que eu adquiri como leitor de jornais franceses que a leitura – como se diria? – leitura rápida de jornal. Eu pegava uma página de jornal e olhava assim –chama-se leitura dinâmica – e se houvesse a palavra *Brésil* e Rio de Janeiro ou qualquer coisa ligada ao Brasil, eu localizava na página. Eu me lembro, por exemplo durante a guerra da Argélia que um advogado brasileiro, genro do escritor Alceu Amoroso Lima, foi vítima da explosão de uma bomba em San Miguel, em Lyon. Ele estava chegando da Itália, parece, e colocou a mala no guarda-volumes da estação e como o local do guarda-volumes era baixo, ele estava acorado no chão. E nessa ocasião, explodiu uma bomba na estação colocado FLN, que era o movimento da Frente de Libertação Nacional argelina, ou pela direita, pela OAS [*Organisation Armée Secrète*]. O fato é que esse genro do Alceu de Amoroso Lima, o Tristão de Ataíde [pseudônimo], foi parar no hospital. Eu li num domingo no único jornal – é interessante que na França os jornais não circulam aos domingos. Aos domingos, só tem um jornal chamado *Journal du Dimanche*. Eu fui lá ao hospital e entrevistei o sujeito e fotografei. É engraçado o seguinte: o Zuenir Ventura, nessa ocasião, estava na França também, estava na mesma faculdade em que eu tinha estado. E nesse dia, quando ele fez a mesma coisa: passou lá no hospital e entrevistou o mesmo personagem. Agora, na ocasião, você fotografava o sujeito e tinha que mandar a fotografia por avião, por via aérea, mandava a fotografia pela *Panair do Brasil*. E só havia voos para o Brasil três vezes por semana, você preparava o seu malote, já tinha revelado o seu filme e mandava os negativos para o Rio de Janeiro e a

fotografia chegava aqui no mínimo dois dias depois do fato. Você mandava a notícia na frente pelo que havia de mais moderno na ocasião que era o telex, porque antes, as notícias eram passadas por telegrama, em linguagem telegráfica. Depois veio o telex, mas só havia um posto de telex em Paris. Toda tarde eu escrevia a minha matéria em português, levava a matéria nesse local lá e entregava a matérias e os digitadores - digamos assim - pegavam o texto e passavam para a máquina letra por letra porque eles não falavam português. Mas eles eram muito bem treinados, pois faziam isso com muita rapidez e raramente vinha com erros. Mas de toda a minha experiência na França, a estória mais engraçada é a estória da frase do general De Gaulle: "Le Brésil n'est pas un pays sérieux". Essa estória é muito interessante pelo seguinte: eu vou lembrar, foi durante a chamada Guerra da Argélia, ela consistiu na vinda de um navio de guerra francês ao litoral de Pernambuco, foi um contratorpedeiro. O governo francês mandou esse navio de guerra à costa de Pernambuco defender os pescadores franceses que pescavam lagosta no litoral brasileiro. E pescavam lagosta no mar de 200 milhas e até então o mar territorial dos países, segundo o Direito Internacional, a faixa litorânea era muito pequena e devia ser, salvo engano, de menos de 10 milhas. Mas o Brasil, na esteira de outros países adotou o mar de 200 milhas e os franceses continuaram pescando nessas 200 milhas. E a coisa chegou a um pé de guerra e aconteceu que, no auge da crise, o general De Gaulle, presidente da França, num sábado de carnaval do ano de 1962, recebeu o embaixador brasileiro em Paris, Carlos Alves de Souza. E nessa audiência ao embaixador brasileiro, o general De Gaulle teria dito em alto e bom som que "o Brasil não é um país sério." Essa estória se propagou e, durante anos, quando acontecia alguma coisa esquisita no governo - como costuma acontecer até hoje [risos] - diziam: "Como dizia o general De Gaulle, o Brasil não é um país sério." Muito bem, mas ficou nebulosa a origem da frase: onde o general De Gaulle teria dito essa frase e em que circunstâncias? Bom, aconteceu que quinze anos depois, esse embaixador brasileiro, Carlos Alves de Souza, publicou um livro de memórias e atribuía a mim, Luis Edgar, a divulgação da frase. Ele diz nesse livro que, na verdade, foi ele, Carlos Alves de Souza, que disse para mim: "Le Brésil n'est pas un pays sérieux, Luis Edgar." Disse conversando comigo, mas o que é estranho porque o Alves de Souza não tinha essa intimidade comigo. Muito bem, mas aconteceu o seguinte: o Alves de Souza foi recebido pelo De Gaulle às 11 horas da manhã deste sábado de carnaval e, quando ele saiu lá da audiência com o De Gaulle, eu estava na escadaria do Palácio de l'Élysée para saber como tinha sido a conversa. E o Alves de Souza me disse: "Edgar, eu não posso falar com você aqui. Você faz o seguinte: hoje à tarde, às 5 horas da tarde, eu vou estar na residência do presidente da Assembléia Nacional."

Ao lado do palácio da Assembléia Nacional havia um palácio onde morava e mora o presidente. – “Eu vou estar lá numa recepção, você manda me chamar e eu conto para você a conversa.”

**Então, foi marcado esse encontro na residência do presidente da Assembleia Nacional...**

De fato, no fim da tarde, eu apareci lá diante da Assembléia Nacional, na casa do atual presidente. E pedi lá na portaria que chamassem o Embaixador do Brasil e logo o Alves de Souza apareceu lá na porta e eu entrei com ele lá. Sentamos numa cadeira e o Alves de Souza, diante de uma taça de champanhe, me contou que o general De Gaulle estava muito irritado porque o embaixador francês no Rio de Janeiro tinha estado com o presidente brasileiro João Goulart, que tinha dado autorização de boca para que os lagosteiros franceses, por aquela vez – porque os lagosteiros franceses da Bretanha já estavam no literal de Pernambuco pescando e para não voltar com barcos vazios, ele autorizou. Ele disse: “Não tem problema, podem continuar, terminem a pesca mas não voltem.” Então, o que aconteceu? Apesar dessa conversa, depois de uma semana, os barcos foram apreendidos e os pescadores presos, etc. E o general De Gaulle provavelmente disse que o presidente brasileiro não tinha palavra, dizia uma coisa e não era isso. Naquele contexto, é bem provável que ele tenha dito “*Le Brésil n’est pas un pays sérieux*”. *Mas o que aconteceu é que o Alves de Souza, então, em 1975, publica as memórias dele e me atribui a estória. Ele disse que foi o seguinte: que ele conversou comigo e me contou a conversa com o De Gaulle falando – naquela ocasião, não se usava a expressão “em off” – em off, quer dizer, aqui entre nós, e teria feito o comentário de que o Brasil não tinha... o governo brasileiro não tinha cumprido a palavra, ele teria dito para mim: “Edgar, na verdade, le Brési n’est pás un pays sérieux.” E ao anotar a entrevista, eu teria cometido um lapso e teria atribuído o comentário ao próprio general De Gaulle. Eu estranhei muito essa versão na ocasião porque, na verdade, eu era um repórter muito cuidadoso, na ocasião – ao contrário de hoje – eu via muito bem e tinha boa audição. Hoje já tenho falhas auditivas. E o Alves de Souza – eu morava na ocasião em São Paulo – ele me ofereceu o livro, eu encontrei com ele e ele me ofereceu o livro e fez uma dedicatória: “Ao Luis Edgar de Andrade, co-autor da famosa frase. Carlos Alves de Souza.” Bom, o que aconteceu? Tinha se passado 15 anos e eu próprio fiquei com a dúvida: será que eu realmente mandei essa notícia, essa informação? E tratava-se de fazer uma pesquisa no Jornal do Brasil, eu vim de São Paulo ao Rio de Janeiro e fui ao Jornal do Brasil e o jornal tinha acabado de se mudar para a Avenida Brasil e o arquivo ficava chefiado por uma filha do Brito, Manuel Nascimento Brito. E a moça não me*

*deu autorização para fazer a pesquisa nos livros, passar folha por folha alegando que o PH – ela citou o PH não sei o que é. PH é o símbolo do [elemento químico] fósforo, será que o suor tem PH e passando ia prejudicar a coleção? Muito bem, eu fiz a procura na Biblioteca Nacional, que já havia microfilmado o livro do Jornal do Brasil do ano de 1962. Eu fui lá nesse dia que saiu a entrevista do Alves de Souza no Jornal do Brasil de domingo. Eu li a notícia toda e não tinha nada, não tinha referência a isso. Aí eu fiquei pensando: será que saiu em outra edição? Porque naquele tempo o jornal tirava uma edição e às vezes tinha uma outra edição atualizada. Bom, procurei durante uma semana, um mês e nada, eu fiquei com essa dúvida e continuei essa pesquisa na coleção do Jornal do Brasil e não encontrei referência a essa frase em nenhum dia de 1962. É um trabalho muito grande – eu não sei se vocês já fizeram pesquisa em microfilme – porque é trabalhoso você localizar uma notícia numa página grande. Ao passo que no jornal propriamente dito, você vai passando as folhas, é mais rápido, não é. bom, é o que se chama memória inoculada, pois eu não poderia afirmar que eu não teria escrito isso num outra ocasião. Mas eu não achei, não achei de maneira nenhuma e a princípio eu aceitei a versão do Alves de Souza, pois não tinha como contestar. Porém, anos depois conversando com diplomatas brasileiros da Embaixada Brasileira na ocasião e eu soube que o Alves de Souza, ao chegar à embaixada naquele sábado a tarde, para mandar o despacho dele em código par ao Rio de Janeiro, chegou muito nervoso e muito vermelho porque ele realmente teria ouvido a frase do general De Gaulle. Bom, mas era uma versão, pois o Alves de Souza já tinha morrido. E eu continuei procurando porque alguma uma coisa é se ele disse ou não disse e outra coisa é se não fui eu que escrevi a notícia e dei a informação num texto meu, como é que essa frase saiu no Brasil e quem primeiro publicou a frase. Olha, hoje eu estou convencido que em nenhum momento eu escrevi sobre isso. Agora, o boato criou-se no Brasil e, então, hoje eu estou inclinado a pensar que ninguém publicou a frase inicialmente, e quando a frase circulou, foi a partir do boca-a-boca de articulistas e de pessoas que viram e comentaram sobre determinados assuntos, diziam: "Como disse o general De Gaulle..." Mas teriam ouvido a frase de outros e não teriam lido no jornal e, a partir de um certo momento, a frase começou a circular impressa citada a propósito de vários assuntos. Muito bem... Eu hoje sou inclinado a acreditar que tenha sido o próprio Alves de Souza que espalhou a frase, ele é que teria espalhado a frase.*

**Edgar, depois desses quase 8 anos na França, como foi o seu retorno ao Brasil e sua entrada na revista Manchete?**

Só concluindo essa estória... Esse negócio caiu no inconsciente coletivo e hoje é impossível desmentir que o general De Gaulle tenha dita dito. A frase ficou como se fosse um *wishful thinking*, e, se ele não disse, deveria ter dito. Mas é um mistério como apareceu esse negócio. Pois bem, quando eu voltei para o Brasil, aconteceu o seguinte: de repente, em 1964, no dia 1º de abril, houve o golpe militar no Brasil e eu cobri a repercussão desse golpe militar no Brasil e mandei para o Jornal do Brasil o que a imprensa francesa publicava sobre o golpe. E nos primeiros dias, as notícias e depois não mais e eu recebi um telegrama do editor-chefe do Jornal do Brasil, que era o Alberto Dines, e eu me comunicava com ele e com o Carlos Lemos, editor-secretário. Toda manhã eu recebia um telegrama do Jornal do Brasil, me pedindo determinados assuntos para a colaboração com a pauta do dia. Mas aconteceu que neste mês de abril de 1964, houve uma coisa surpreendente: eu recebi o telegrama de uma pessoa chamada Bernard de Souza Campos, me fazendo observações sobre a cobertura. Eu não me lembro do texto do telegrama, mas diziam: "Recomendamos 'não sei o que' na cobertura do movimento político de 31 de março." Alguma coisa assim... o que era muito estranho porque a cobertura seria no Brasil, mas estava escrito que eu deveria fazer uma boa cobertura de uma coisa que estava acontecendo no Rio de Janeiro, mas era no sentido de eu manear nessa cobertura. Bom, você me perguntou como eu fui parar na Manchete... Eu fiz como o próprio Gabriel Garcia Marques fez: "jamais irei ao Chile" – depois que o [ditador Augusto] Pinochet assumiu – "e não publico mais romances enquanto o Pinochet for ditador". "Não volto para o Brasil, só volto quando terminar o regime militar." Mas nesse ano de 1965, houve uma coisa muito engraçada: foi a famosa entrevista do Carlos Lacerda. Ele chegou a Paris numa espécie de viagem de relações públicas para explicar a "revolução" aos franceses e foi um outro furo que eu sofri. Não um furo, mas quando eu cheguei – eu tinha um automóvel – em [aeroporto] Orly, o Carlos Lacerda já havia desembarcado e já havia dado a entrevista. Eu não sei se vocês conhecem essa estória da entrevista, mas tirando a discussão do conteúdo, foi uma das coisas mais brilhantes que o Carlos Lacerda já fez: os jornalistas franceses ficaram de boca aberta, pois todas as perguntas que eles fizeram o Carlos Lacerda respondia na maior gozação. Eu cheguei ao aeroporto quando os jornalistas franceses estavam saindo e aí o que faz um correspondente que perdeu essa grande entrevista? Peguei o carro, fiz a meia volta e fui para a Rádio Europa n. 1 – a CBN da época em Paris – na rua François Premier e me mandei para lá. Você sabe que eu cheguei à Rádio Europa n. 1 antes da equipe que vinha de Orly. Eu cheguei lá e um sujeito, um francês, disse lá para o editor-chefe do jornalismo: "Esse monsieur Lacerda fala melhor francês do que a gente." É engraçado porque o Carlos Lacerda aprendeu francês de ouvido, pois ele tinha uma

facilidade para línguas extraordinária, ele falava inglês, francês e italiano sem nenhum sotaque. O que eu fiz? Eu peguei a fita lá que o sujeito me emprestou e fiz a transcrição da entrevista e mandei para o Jornal do Brasil. Mas o que eu queria contar é que eu fiz um juramento lá: "Eu não volto mais para o Brasil, só quando terminar a ditadura." Se eu tivesse cumprido essa jura, eu teria ficado na França de 1965 até 1980 e poucos, até a volta do [Fernando] Gabeira e do pessoal. Bom, seria hoje como o Reali Junior e outros. Seria um francês e teria uma filha francesa trabalhando na Comédie-Française, como é o caso do Reali, que tem uma filha que nasceu em Paris e que hoje é atriz de cinema e que por sinal sumiu, pois nunca mais vimos filmes dela. Bom, passaram uns meses e, quando foi em 1965, um ano só, o Newton Carlos, que era o editor internacional do Jornal do Brasil, teve lá um problema interno e foi demitido. Eu fui convidado para vir de Paris para substituir o Newton Carlos, eu aceitei e voltei. Voltei e realmente foi muito interessante, foi uma experiência tão prazerosa como a de ser chefe do copydesk do Diário Carioca. Trabalhava com uma equipe muito boa e, como não havia censura na ocasião... o jornal não podia dar certas notícias nacionais, mas o espaço internacional cresceu muito. E eu fico admirado hoje porque nós dávamos uma página inteira de Guerra do Vietnã, uma página inteira de Oriente Médio, uma página de América Latina e uma página de variedades. Então, era muita notícia! E foi aí que a Guerra do Vietnã entrou na minha vida, pois lá em Paris durante o ano de 1964, eu comecei a escrever sobre Guerra do Vietnã, porque eu mandava certos boxes, matéria para ser publicada assim num quadrado junto com outras notícias, por exemplo, o perfil da Madame Nhu, cunhada do presidente Diêm que morava em Paris. Ela era casada com o Nhu, irmão do Diêm. E começou a haver o suicídio dos monges budistas, o que teve uma certa repercussão na França. A Guerra do Vietnã começou a irritar a todo mundo. Foi uma época em que a Dina Sfat, atriz famosa na ocasião, disse numa entrevista ao Caderno B do Jornal do Brasil, a frase que eu costumo citar: "o Vietnã invade dia-a-dia as nossas vidas". Então, como não se podia falar mal do governo, falava-se contra os Estados Unidos e a Guerra do Vietnã. Eu agora estou me lembrando, por associação de idéias, que mais tarde, quando a Guerra do Vietnã já tinha terminado, não se podia falar mal do governo – a Guerra do Vietnã terminou em 1975 – e não havia mais a necessidade de falar contra os Estados Unidos, pois já haviam acabado com a Guerra do Vietnã. E então, falava-se mal da TV Globo. Então, nessa ocasião em que se falava mal da TV Globo, eu trabalhava lá. E, recordando esse período em que eu fui editor internacional do Jornal do Brasil, é um fato paradoxal a liberdade que os editores do Jornal do Brasil tinham, pois cada editor publicava nas suas páginas o que queria. E a direção do jornal só tomava conhecimento no dia seguinte com o jornal impresso. Então, o Jornal do

Brasil tinha uma linha editorial que estava nos artigos editoriais, nas páginas editoriais. Mas o tratamento dado às notícias e os artigos publicados com comentários sobre as notícias discordavam sobre a linha do jornal. Até que, quando chegou ao final de 1967... É interessante, pois naquele tempo trabalhava-se, não havia plantão assim nessas ocasiões. No dia 31 de dezembro de 1967, eu fui informado, quando estava fechando o jornal que ia sair no dia 1º [de janeiro de 1968], que tinha sido demitido. Tinha uma cartinha da gerência pedindo para eu passar lá e acertar as contas. Aí saímos todos do jornal, eu tinha um [automóvel] Volkswagen e levei parte da equipe, outro que também tinha carro – eu não me lembro quem era – e fomos tomar um chope ali no Arpoador num lugar em que hoje é o [bar] Barril 1800, mas eu não me lembro qual era o nome do lugar naquela ocasião. E nessa ocasião, durante esse chope, eu comuniquei que ia para o Vietnã: “Vou-me embora para Saigon.” [risos] E de fato, recebi a indenização do jornal, que foi muito pequena, pois eu trabalhava para o Jornal do Brasil desde 1960 até 1967, foram 7 anos, mas o período de Paris não contava porque eu não estava com carteira assinada, eu era informal. O Jornal do Brasil me mandava os dólares, 100 dólares – o máximo que eu ganhei lá foi 150 dólares por mês – mas eu não constava em folha [de pagamento de funcionários]. Na verdade, eu recebi a indenização por três anos [de trabalho], deu pouco mais de três mil dólares. Eu comprei uma passagem da Air France para Saigon e me preparei a fim de partir. E na ocasião, então, eu fui como correspondente *free lancer*, por conta própria. Acertei colaboração na revista Fatos & Fotos e eventualmente saía matérias na própria Manchete e mandava as mesmas matérias para a Folha da Tarde de São Paulo e o Correio da Manhã do Rio de Janeiro. E assim eu passei o ano de 1968 no Vietnã, que foi uma experiência muito interessante, e tão interessante que essa semana agora eu disse às minhas filhas e à minha mulher: “Olha, se eu pudesse, eu iria embora para a Geórgia.” [risos] Há uns quatro anos, eu estive na Ucrânia e gostei muito. Eu fiz uma reforma na minha casa, estava arrumando os meus livros e encontrei um livrinho – a gente joga tanto livro fora! – publicado ainda no tempo em que a Geórgia era uma república soviética, em espanhol. Engraçado, já nessa ocasião – o livro deve ter sido publicado em 1966 ou 1967 – já havia questão da Ossétia e da Abkházia, porque estas eram regiões autônomas, quer dizer, não são um país independente e soberano, mas essas duas regiões são autônomas, com um governo próprio subordinado ao governo central. Quer dizer o seguinte: a Geórgia provavelmente era uma república unitária, não era uma federação como aqui no Brasil que cada estado tem um governador, com exceção dessas duas regiões.

**Vamos voltar à sua cobertura da Guerra do Vietnã?**

Primeiro, eu me admiro de ter voltado vivo e sem ferimento, sem nada. Antigamente, a guerra era mais fácil de cobrir, a Segunda Guerra Mundial e a própria Guerra dos Seis Dias – eu fui à Guerra dos Seis dias antes e fiquei retido lá na fronteira da Líbia com o Egito. Mas na guerra, tinha a frente de combate: de um lado e tinha o outro lado, você cobria um lado e... Mas a Guerra do Vietnã era uma guerra insurrecional, guerra de guerrilhas, uma guerra em que os combatentes eram de um mesmo povo, que lutavam entre si e não haviam frentes de batalha, não havia planejamento. Então, de repente, havia um ataque maciço ao vietcongue numa determinada cidade e nós tomávamos um avião – porque havia muito apoio, hoje se chama suporte, aos jornalistas – em Saigon e íamos ao local onde estava havendo o combate. E quando chegávamos lá, já tinha acabado os combates e só haviam entrevistas e o balanço da história. De repente, houve situações que demoravam, por exemplo, na própria capital, em Saigon, depois de ter havido a “Ofensiva do Tet”, que foi a grande ofensiva da Guerra do Vietnã em 1968 que convenceu ao mundo que os Estados Unidos tinham perdido a guerra. Nos mês de maio ou junho, houve no ataque e, durante 15 dias, bombardeios e ataques no bairro de Sholon, um grande bairro chinês de Saigon. Então, havia umas situações em que eu acordava de manhã, tomava um táxi para Sholon e tinha uma ponte lá que separava o pessoal do governo e os vietcongues lá do outro lado. Eu ficava lá nessa ponte onde estavam os jornalistas estrangeiros importantes. Aí chegava a hora do almoço, tomava um táxi e voltava para o hotel, almoçava, deitava e dormia meia hora, sei lá, até as 2 horas e pouca, tomava um outro táxi e voltava para lá. Era uma coisa engraçadíssima, pois no meio dessa guerra, havia certas regras. A guerra era curiosa, porque o jornalista era respeitado, um vietcongue não matava um jornalista pelo fato de ser jornalista, pelo contrário, quando prendiam um jornalista, soltavam em seguida. Então, havia a famosa frase lá: “*Bao Chi, Bao Chi!*” – quer dizer o sujeito tinha *Bao Chi* escrito na farda, pois os correspondentes de guerra eram obrigados a andar fardados nas supostas zonas de combate. Mas em Saigon não, você andava a paisana mesmo e, em algumas situações se os jornalistas eram ameaçados por vietcongues, eles levantavam os braços e gritavam *Bao Chi, Bao Chi!* – o que é o título do meu romance sobre a Guerra do Vietnã. Bom, eu fiquei lá até 1968, e aconteceu que, quando eu estava me preparando para partir, ia partir nos primeiros dias de fevereiro – e de fato fui – e pretendia parar no caminho em vários lugares, seria um viagem de volta ao mundo: ia pelo [oceano] Atlântico e ia voltar pelo [oceano] Pacífico, tinha passagem por Paris, Istambul, Teerã, Rawalpindi no Paquistão, Nova Déli, Yangun na Birmânia, Bancoc e Saigon. Aí depois voltava pela Indonésia, eu pretendia ir ao Timor, a Cingapura e vai por aí, passava pelo Havaí, Estados Unidos... Aconteceu que houve a Ofensiva



do Tet, então eu cancelei todas as paradas e fiz: Rio-Paris-Bancoc – onde se supunha que eu conseguiria o visto para Saigon. Mas chegando em Bancoc, eu fiquei retido lá, pois a Embaixada do Vietnã do Sul não me deu o visto porque tinha a informação de que eu havia escrito no Rio de Janeiro contra a posição sul-vietnamita na guerra. Eu fiquei quinze dias nesse “chove não molha” enquanto ocorria lá em Saigon a Ofensiva do Tet. Então, o que aconteceu? Eu me convenci de que não me dariam o visto e imaginei entrar no Vietnã clandestinamente pela fronteira, que era um pouco complicada, a fronteira da Tailândia com o Vietnã do Sul. Até que eu descobri que havia uma possibilidade de chegar em Saigon sem visto, em trânsito como turista, pois o turista em trânsito poderia ficar em Saigon sem visto por até 72 horas. Chegava em Saigon, tinha 72 horas, aí descia. Eu fiz isso: peguei uma passagem que eu desdobrei Bancoc-Saigon-Vientiane, capital do Laos. Aí fui assim, cheguei à Saigon, entrei na fila lá, e quando chegou a minha vez, o sujeito me perguntou: “E o visto?”. Eu digo: “Estou em trânsito”. São as tais coincidências negativas, tem as positivas e as negativas. O sujeito disse: “Ah, *caput*.” Caput quer dizer “quebrou”. Você sabe que aquela regra do “em trânsito” tinha acabado naquele dia, tinha mudado a regra, não havia mais? Então, eu fiquei lá e eles disseram que eu seria reenviado à Bancoc, mas como não havia vôo naquele dia, eu teria que pernoitar lá. Eu fiquei e a minha bagagem tinha saído. O que acontece? Eu encontrei nessa espera um antigo funcionário da Embaixada Americana no Rio de Janeiro, que estava servindo em Saigon, e eu o encontrei na lanchonete do aeroporto e expliquei a ele que não tinham me deixado desembarcar. O cara disse: “Espera aí que eu vou arranjar um pistolão para você”. Ele telefonou para um general – ele é personagem do meu romance *Bao Chi, Bao Chi* – e o cara me fez um grande favor, pois o general falou com o vietnamita lá e me deram as 72 horas. De posse das 72 horas, no dia seguinte, eu me credenciei no serviço de imprensa americano e no serviço de imprensa vietnamita. De posse da credencial com foto e tudo, fui lá na imigração – o que seria o equivalente à Polícia Federal aqui – e arranjei, como estava credenciado, para me darem quinze dias de prorrogação. E fiquei os quinze dias. Ao cabo dos quinze dias, consegui mais três meses e mais três meses, mais três meses e assim eu fui ficando.

**Edgar, em que medida você acha que a imprensa brasileira conseguiu dar um visão diferente da versão americana para a Guerra do Vietnã? Foi possível fazer isso?**

Olha, o que acontecia é o seguinte: você deve isso aos editores internacionais. No caso do Jornal do Brasil, nós tínhamos um contrato feito pelo Nascimento Brito com a UPI [*United Press International*]. Nós cancelamos as agências: a *France-Presse*,

*Society Press* americana e a *Reuters* inglesa. O Jornal do Brasil cancelou esses contratos e ficou só com a UPI que, além das notícias, mandava também comentários de jornalistas americanos. Quer dizer, nós éramos abastecidos com a versão americana, mas, ao mesmo tempo, nós tínhamos as revistas francesas e os jornais franceses, que nos recebíamos e nós fazíamos matérias na redação a partir do ponto-de-vista francês. Basicamente, na Guerra do Vietnã, havia o lado americano e o lado francês, que cobria porque o Vietnã tinha sido um a colônia francesa e os franceses se interessaram muito pela Guerra do Vietnã. Eu cheguei em Saigon e fiquei lá no ano de 1968 e o José Hamilton Ribeiro foi, ficou quinze dias e perdeu a perna e só conseguiu fazer uma reportagem contando a estória de como ele perdeu a perna. O Newton Carlos, que foi à Índia a convite de um conferência internacional e, quando ele voltava da Índia, ele desceu em Saigon, mas não o deixaram desembarcar. E havia um movimento de opinião, no Rio de Janeiro, extraordinário contra a Guerra do Vietnã e isso culminou com a Ofensiva do Tet. As pessoas vibravam e torceram pela Ofensiva do Tet, pois foi extraordinária. Num determinado dia, os vietcongues atacaram ao mesmo tempo todas as capitais de província do Vietnã - que são trinta e quatro - e além disso, atacaram a base Than Son Nhut, onde estava o quartel general americano, atacaram o Palácio Presidencial e atacaram a Embaixada Americana onde lutaram corpo-a-corpo durante seis horas no jardim da Embaixada. Morreram muitos vietcongues, mas foi inimaginável isso, quer dizer, do ponto de vista militar, a Ofensiva do Tet foi um fracasso porque os vietcongues não tinham como manter as suas posições. Chegaram a ocupar cidades inteiras como Hué, a antiga capital imperial e ficaram quinze dias lá em Hué, numa zona liberada lá, até que por fim os americanos retomaram Hué. E vai por aí. E também aconteceu que eles esperavam que a população se levantasse - o mito do levante geral - mas a população não se levantou. Apesar disso, do ponto-de-vista psicológico, no mundo inteiro foi um a coisa extraordinária! Por causa da Ofensiva do Tet, o presidente Lyndon Johnson desistiu de se candidatar à reeleição, porque chegou à conclusão de que iria perder. Por causa da Ofensiva do Tet, os americanos aceitaram negociar com os vietcongues e com o Vietnã do Norte e definiu o curso da Guerra. Para terminar eu gostaria de contar uma emoção que eu tive: em 1998, eu voltei no Vietnã com a minha mulher, eu estava me preparando, pois eu queria escrever esse romance sobre a Guerra do Vietnã. Eu dou muito apreço à cor local, descrever bem as situações, o ambiente. Então, estive pela primeira vez nos túneis cavados pelos vietcongues e naveguei pelo rio Saigon em barco de turismo. Ia lá eu, num determinado dia com a minha mulher, num barco de japoneses e de repente o guia com o megafone mostrou ao lado a cidade e o porto de Bem Tre. Foi uma emoção

grande pelo seguinte: Bem Tre ficou famosa durante a Ofensiva do Tet por causa de uma frase colhida pelo jornalista americano Peter Arnett. A frase é um pouco a do general De Gaulle "O Brasil não é um país sério" – porque eu não sei se houve essa frase ou se foi o Peter Arnett que sapecou a frase. É o seguinte: um major americano conversando com o Peter Arnett numa colina e embaixo estava a cidade de Bem Tre destruída, a cidade estava em ruínas. E o major estava desolado: "Tivemos de destruir Bem Tre para salvá-la." E o Peter Arnett mandou a frase e, no dia seguinte, todos os jornais do mundo publicaram essa estória. O Lyndon Johnson mandou fazer uma investigação para saber quem tinha dito a frase e como tinha feito. Então, em 1998, passando por lá, eu não reconheci Bem Tre, a cidade estava reconstruída, o pessoal andando para lá e para cá. Eu estava no barco e fiquei emocionado: olha aí quarenta anos depois, Bem Tre estava viva! Quer dizer, a guerra realmente não dá a palavra final. É isso!